

ARCAÍSMOS

José de Sá Nunes.

Filiado à escola do meu grande mestre Dr. ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO e à do seu egrégio discípulo RUI BARBOSA, escola que outra não é senão a clássica, desde os primórdios de minha vida literária se me arraigou no espírito a convicção de que o arcaísmo presta ao que escreve, muita vez, serviços inestimáveis, não só à luz da forma literária, mas ainda à luz da perfeita enunciação do pensamento.

Nunca lanço mão de um neologismo, de um termo exótico, de uma expressão bastarda, em havendo na língua vocábulos inusitados, obsoletos, antiquados, porém mais próprios, mais elegantes e mais puros. Sempre àqueles prefiro estes.

Escritores há que, por desconhecer a joalheria vasta e opulenta dos autores quinhentistas e seiscentistas, empregam vocábulos alienígenas e usam de giros visceralmente galicanos ao expressar as suas ideias e pensamentos. Deles há que, por simples amor ao exotismo, sarapintam a linguagem, falada e escrita, de palavras e locuções francesas, alemãs, inglesas, castelhanas, com o intuito (pobre cegueira intelectual!) de chamar para o que elas significam a atenção do leitor ou do ouvinte.

Deles que, por completa ignorância da arte de escrever, mosqueiam os seus escritos de vocábulos e expressões alheias do bom falar português, na persuasão de que isso lhes ilumina os trabalhos literários e lhes dá um tudo-nada de erudição e saber poliglótico.

O arcaísmo, porém, não. Não querem saber disso. Um que outro poeta ou escritor faz, às vezes, grande cabedal de certos arcaísmos, postos, quais raros quadros, na sala de visitas de

um artigo de sustância ou na pinacoteca de uns versos mil vezes emendados e remendados, e isso com a presunção de ser tido como purista.

Neste particular, podem servir de exemplos as “Sextilhas de Frei Antão” do nosso insigne GONÇALVES DIAS e alguns trabalhos do ilustradíssimo Sr. Dr. MELO CARVALHO.

Também eu usei, a trechos, e ainda uso, a revezes, alguns arcaísmos em certos escritos, mas com a intenção, que se me afigura louvável, de fazer lembrados lindos vocábulos e torneios fraseológicos que o uso moderno vai relegando para o domínio do olvido.

Como RUI BARBOSA, sempre pensei, e continuo a pensar, que “sacar à praça um bom vocábulo meio esquecido não é deservir, senão antes servir, e bem, à nossa língua”.

Talvez seja por isso que alguém me chama purista, não em bom sentido, e não perde ocasião de me zurzir implacavelmente o gosto do arcaísmo. Porém, como DEUS NOSSO SENHOR fez muito bem feito este mundo, rio-me à tripa-forra das toncices futurísticas e parlapatices marinéticas desse alguém, que raro consegue escrever um período certo.

Acho interessante que alguns escritores possuam uma lista de arcaísmos para os empregar a torto e a direito, com o fim de mostrar que têm profundo conhecimento do idioma que manejam.

Na verdade, parecem os seus trabalhos “um mosaico de palavras e construções fósseis”, como se me antolham, quais vestes carnavalescas, certos escritos de autores sumos, não só pela variedade de formas peregrinas que usam, mas principalmente pelo destoar flagrante da sua maneira de ensinarem uma coisa e fazerem outra.

O arcaísmo deve ser usado com tento e perícia, de modo que o seu significado seja percebido claramente, e não pareça empregado de propósito.

Os mais brilhantes escritores de todas as línguas cultas soem usar o arcaísmo como beleza de linguagem. O mau uso que se dele faz é que o torna vício reprochável e inadmissível.

LEOPARDI, o supremo artista do idioma italiano, comprou o arcaísmo com a “fruta, que, envolvida em cera, se conserva, para comer fora da sazão, e, ao deixar o envoltório, está vívida, e fresca, e bela, e corada, como se então a colhêramos do pé”.

LITTRÉ, o celebrado vocabulista e filólogo francês, em uma das suas obras mais notáveis deixou escrita esta verdade adamantina: “O arcaísmo, cujo gosto às vezes se oblitera, mas não se extingue nunca, é salutar à alma e ao espírito.”

MACHADO DE ASSIS, o nosso glorioso estilista e poeta esmeradíssimo, burilou estas memoráveis palavras num dos seus mais estimados trabalhos:

“Escrever como AZURARA ou FERNÃO MENDES seria hoje um anacronismo insuportável. Cada tempo tem o seu estilo. Mas estudar-lhes as formas mais apuradas da linguagem, desentranhar deles mil riquezas, que, à força de velhas se fazem novas, — não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum.”

Por isso foi que, consultado sobre vários arcaísmos, que eram tidos à conta de vocábulos grosseiros e modos esquisitos de tecer o discurso, dei franca e positivamente o meu voto contra eles; mas, pouco depois, dando-me um consulente a honra de me escrever acerca de outros arcaísmos, sobre os quais desejava a minha opinião, fui de parecer favorável ao emprego hodierno de algumas “palavras e construções fósseis”, sem receio nenhum de transformar em “mosaico” os escritos onde elas brilhem. O de que mais acho graça neste assunto de arcaísmo é ver, muitas vezes, que certos escrevinhadores de que-tilquê, supondo novas algumas palavras e frases verdadeiramente arcaicas, as empregam nos seus escritos como se fossem neologias do trinque. Então, vêm-me à mente, com fulgor desusado, aquelas palavras candentes do superno escritor patricio:

“O que eu noto, é que, em lhes caindo à mão alguma florinha clássica, dessas que se oferecem nos caminhos mais tri-

lhados, não perdem esses tafuis o ensejo de aromatizar com a velha essência a sua modernidade. Acontece, às vezes, ser dos mais antiquados o espécime. Como, porém, justamente por fora do comum, lhes recende a novidade, e foi um modernista que o colheu, lá lhes vai rutilando airosamente na lapela, sem escândalo da evolução dos idiomas, nem atentado ao dialecto brasileiro.”

